

# Jornal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA	
PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR	
Anno ou 52 numeros.....	25500 réis
Semestre ou 26 numeros.....	13200 "
Trimestre ou 13 ".....	700 "
Avulso.....	60 "

— ANNO I—1 DE MAIO DE 1881—N.º 11 —

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO  
Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.ª

ASSIGNATURA	
BRAZIL	
Anno ou 52 numeros.....	75000 réis
Semestre ou 26 numeros.....	45000 "
Trimestre ou 13 ".....	25000 "
Avulso.....	200 "

SUMMARIO

Gravuras:—Milton dictando a suas filhas o Paraíso perdido; Uma mulher tureca; A viuva do marlyr; Habitações de Esquimós.

Texto:—Aos nossos leitores; As nossas gravuras; Musica, o estudo de piano; Como e porque morri, por Luiz Quirino Chaves; Atravez da Siberia, por Victor Tissot e Constant Amoro.

AOS NOSSOS LEITORES

Annuiu ao pedido que lhe fizemos de se encarregar da direcção litteraria do «Jornal do Domingo» o distinctissimo escriptor M. Pinheiro Chagas. Escusado é dizer que este feliz acontecimento implica notavel melhoramento tanto na redacção como na escolha dos artigos que temos de publicar. Não tentamos tecer elogios a quem decerto os dispensaria e tem conquistado nas letras e na sciencia a mais brilhante das reputações. O sr. Pinheiro Chagas é bem conhecido no paiz e fóra d'elle para que tenhamos a pretensão de fazer a sua apologia. O seu bello talento dispensa essa manifestação, basta que s. ex.ª accete os nossos cordeaes agradecimentos pelo auxilio efficaz com que nos honra.

O GERENTE.



MILTON DICTANDO A SUAS FILHAS O PARAISO PERDIDO

## AS NOSSAS GRAVURAS

## MILTON DICTANDO A SUAS FILHAS O PARAÍZO PERDIDO

— João Milton, um dos maiores poetas da Inglaterra, nasceu em Londres no anno de 1608. Desde os mais verdes annos encontrou no estudo o prazer principal do seu espirito ardente e desejoso de se instruir, arraigando-se n'elle muito cedo os germens da dupla exaltação poetica e religiosa, que constituem a feição proeminente do seu genio. Os romances de cavallaria, as legendas poeticas e a Biblia, suas leituras predilectas, gravaram-se-lhe profundamente na memoria, e foram sempre as fontes, em que de preferencia bebia as inspirações.

Ainda joven, quiz votar-se á vida ecclesiastica; mas, renunciando a este proposito, para conservar inteira a independencia da sua fé, determinou alargar a esphera de seus conhecimentos aprendendo o hebreu e o syriaco para ler a Biblia no original. Visitou a Italia e a Grecia, berço das modernas civilizações, e passando-se á França travou conhecimento com o celebre Grotius, auctor do *Direito da guerra e da paz*, cujas maximas invocava depois com grande satisfação. Na Italia teve muitas occasiões de ver Galileo na prisão, em que o fizeram expiar o crime de afirmar ao mundo que a terra é dotada de movimento! Contemplou em Roma os frescos de Miguel Angelo, que adornam a capella Sixtina, admirou as *Virgens* de Raphael, e sabendo em Napoles que se atejara a revolução em Inglaterra, tomado de amor pela liberdade, voltou a Londres nos fins do anno de 1639.

Era já muito crescido o numero de seus escritos, dos quaes poucos tinham sido publicados, destacando-se entre elles sonetos formosissimos na lingua de Dante e de Petrarca, em que o poeta chorou amargamente as suas tristezas. Se dermos credito a uma tradição, foi em Roma, ao ver representar o *Mysterio da desobediencia de Adão e Eva*, que elle concebeu a idéa grandiosa da sua epopeia.

Aos trinta annos, na idade da virilidade intellectual, João Milton possuia uma profunda erudição, robustecida pelas viagens e pelo commercio das artes e dos homens. Sentia-se apto para representar um importante papel nas convulsões politicas, que ameaçavam agitar a Inglaterra. A egreja anglicana, altiva, aristocratica, adoptando as ceremonias do papismo, era atacada vigorosamente pela democracia presbyteriana. Milton saiu a campo, e vibrou o primeiro golpe contra a grande heresia publicando o seu pamphleto *Sobre a reforma ecclesiastica*, seguido de dois outros o *Episcopado*, e a *Defeza da Egreja presbyteriana*.

Por essa epocha, Milton casou com Maria Dowell, filha de um partidario da causa realista, cujas armas triumphavam então da revolução nascente. O regresso de Maria ao lar paterno, pouco tempo depois de ter casado, fez com que o poeta publicasse quatro pamphletos sobre o *Divorcio*. Mais tarde porém, com a queda do partido realista, o marido offendido vingou-se nobremente da esposa, recebendo-a debaixo de seus tectos com toda a familia, a quem protegeu dos ataques da reacção democratica.

Dando ao prelo os seus estudos sobre *A responsabilidade dos reis e dos magistrados*, em que se casam a vehemencia do estylo, a solidez dos raciocinios e o vigor implacavel, com que de-

monstra a justiça e legitimidade da execução de Carlos I, Milton attrahiu as attentões de Cromwell, que o fez secretario latino do conselho de Estado. Escreveu então alguns trabalhos de alto valor politico e litterario; porém a gloria, que d'esses trabalhos lhe adveio, teve larga e dolorosa compensação no lar domestico.

Maria Dowell, que elle amava com entranhado affecto depois da reconciliação, morreu de parto. Casando outra vez, perdeu tambem a segunda mulher no acto de dar á luz sua filha Deborah, nova Antigone, que se illustrou por sua piedade filial.

Quando trabalhava em outros assumptos, Milton cegou quasi de repente.

Faz entristecer a leitura dos versos inspirados por aquella horrivel desgraça no canto 3.º do *Paraizo Perdido*, e no, sem duvida, mais bello dos seus sonetos italianos.

Este nobre infortunio, com tamanha resignação supportado pelo poeta, deu causa a que lhe retalhassem a alma, cobrindo-o de injurias, pungindo-o com o espinho miserrimo da calumnia. Chegaram a attribuir a sua fatal cegueira a um castigo do ceo. E elle, que era devoto e religioso, profundamente ferido com esta asserção, respondeu que em sua consciencia não achava crime ou culpa, que tanto exasperasse a colera divina.

Quando Cromwell attingiu o zenith do poder, Milton conservou o logar de secretario; mas supõe-se, e com fundamento, que a sua imaginação irrequieta, mystica, pairando, porque assim digamos, acima das paixões terrenas, converteu-se em docil instrumento nas mãos d'aquelle homem verdadeiramente extraordinario. Morto Cromwell, como a nação parecesse decidida a elevar ao throno o filho de Carlos I, o acerrimo polemista, já velho, acabrunhado, tentou por um novo pamphleto demonstrar os inconvenientes de restaurar a realza. Apesar d'isso, no dia 6 de maio de 1660, Carlos II entrava em Londres, acompanhado pelo general Monk.

Milton foi preso como cúmplice dos regicidas, e teria sido victima de uma odiosa reacção, senão intercedesse por elle lord Davenant, a quem o grande epico tinha prestado igual serviço dez annos antes. Perdidas as mais caras illusões, entregou-se de todo em todo ao enthusiasmo do seu genio, e nobilitou o seu afastamento das coisas publicas dando ao mundo essa joia de inestimavel preço, denominada *Paraizo Perdido*, monumento immorredouro da intelligencia humana.

O lar modesto do infeliz cego foi visitado pelas angustias mais crueis. As duas filhas, que houvera do primeiro matrimonio, amarguraram-lhe a existencia dando-lhe muitos tratos, enchendo-o de desgostos, vendendo-lhe os livros, e dissipando em humanas ostentações os parcos haveres de uma casa, em que pouco faltou para que escasseasse o pão. Ao revés d'isso, a carinhosa Deborah prodigalisava-lhe todos os affectos e ternuras. Era um raio de luz nas trevas d'aquella noite funda, chegando ao extremo de aprender a ler o grego e o hebraico para deleitar o desventurado pae com a leitura das obras, em que mais se elevava o seu espirito. Muitas vezes, como outr'ora David deante de Saul, dedilhava na harpa suaves melodias, que encantavam, e como que adormeciam o coração angustiado do velho republicano.

Milton principiou o *Paraizo Perdido* na idade

em que Virgilio concluiu o seu poema. A obra sahio á luz em 1667, sem alcançar o favor publico. Existe ainda a norma do contracto, em que o poeta cedeu a propriedade da sua epopeia ao livreiro Symons. Recebeu 3 libras antes da impressão; devia receber 5 depois de vendidos 1300 exemplares, e mais 3 libras pela segunda edição.

Não cabe nos limites de um artigo explicativo a analyse do grandioso poema que o auctor principiou dizendo: *eu canto a desobediencia do primeiro homem e o fructo d'aquella arvore prohibida, por cuja causa veio a morte ao mundo etc., etc.*

Ouçamos apenas algumas palavras de Voltaire: «Em todos os outros poemas o amor é reputado fraqueza; só em Milton é uma virtude. O poeta sabe desvelar com mão casta o cendal que, n'outros poemas, cobre os deleites da paixão. Transporta o leitor ao jardim das delicias, e dá-lhe a saborear as voluptuosidades puras que enebriam Adão e Eva. Não se alteia acima da natureza humana, mas alteia-se acima da natureza humana corrompida; e como não ha exemplo de igual amor, tambem o não ha de igual poesia.»

A nossa gravura representa Milton sentado n'uma cadeira, privado da claridade do ceo, mas illuminado pelo facho do seu genio, compondo o *Paraizo Perdido*. As filhas mudas de admiração, não ousam fazer o mais pequeno movimento com receio de o distrahiem das suas divinas concepções; e Deborah, aquella creança tão sympathica, de que já fallámos, espreita cuidadosamente todos os gestos, todos os movimentos do pae, com o ouvido suspenso de seus labios para não perder nenhuma das suas palavras inspiradas.

Esta gravura é copia de um quadro do pintor hungaro Munkacsy, que figurou e causou grande enthusiasmo na Exposição de Paris.

UMA MULHER TURCA. — A mulher turca!... mais uma figura poetica, ideal, que desapareceu do mundo dos nossos sonhos! mais um meteoro brilhante, que se sumio nas regiões infinitas do espaço!

Parece que o seculo dezenove analysador, positivo, realista, está fadado pelo destino para roubar-nos as poucas illusões, que ainda nos restavam, sobre cousas, que existiam para nós, em regiões mais vagas e vaporosas.

A mulher turca tinha para as imaginações juvenis o prestigio, que lhe dava a sua existencia occulta por um espesso veo, como o seu rosto de encantadora belleza.

Os europeus imaginavam o harem pouco mais ou menos como os mussulmanos pintam na imaginação o setimo ceo do seu propheta, povoado de formosas huris.

Vieram as descrições de viagens, os estudos feitos pelos bisbilhoteiros do seculo, que de tudo fallam, de tudo escrevem, em tudo mettem a sua colherada, e a mulher turca perdeu a aureola de poesia, que a cercava, foi submettida á craveira, e passou a acompanhar o commum da humanidade, perdendo-se na vulgaridade dos typos mais prosaicos d'este mundo subllunar.

Que tristissimas revelações! Quantas illusões perdidas! Quantas decepções amargas e desconsoladoras produzidas por este labutar continuo em desvendar os mais reconditos segredos e mysterios!

Aquellas mulheres, cujo viver se julgava um conto perfumado de amor, arrastam a mais triste e material de todas as existencias. Não temem a mais leve noção do vago, do ideal; vivem uma vida perfeitamente vegetativa. Não abrem o coração aos sentimentos ternos e apaixonados, nem temem o rosto macerado pelas inquietações, pelas vigílias, pelas doces amarguras, que só sabe sentir quem ama; a sua constante preocupação, o seu maior prazer é comer e dormir.

D'aqui resulta que muito cedo se lhes atrophia a intelligencia, emmudece o coração, afeia-se-lhe o rosto, e o corpo adquire proporções enormes.

Tal será provavelmente a sorte, que espera a mulher, cujo formoso retrato nos foi trazido do Bosphoro por um habil desenhador.

A VIUVA DO MARTYR. — Estamos n'um d'aquelles subterraneos estreitos e sombrios, em que se refugiavam os primeiros christãos perseguidos pelos imperadores. E' ali que elles exercitavam as praticas do seu culto, reuniam as suas assembleas, e sepultavam, ás escondidas, os seus irmãos, que tinham morrido, como heroes, lançados ás feras.

Não ha religião que fosse tão cruelmente perseguida, e que resistisse com maior coragem a tantos supplicios, sendo os seus sectarios accusados unicamente de não adorarem as falsas divindades, para honrarem o verdadeiro Deus.

Era pasmosa a intrepidez com que se deixavam degolar como cordeiros!

Se exceptuarmos as Gallias, onde governava Constancio Chloro, por toda a parte commettiam-se atrocidades, que a penna se recusa a descrever. Arrasavam-se as egrejas; estabeleciam-se tribunaes nos templos junto das estatuas dos deuses, condemnando-se e entregando-se ao carasco todo aquelle que os não quizesse adorar. As prisões regorgitavam de victimas; os caminhos estavam cobertos de homens mutilados, que iam morrer nas minas ou nas construcções publicas. O açoite, a cruz, o potro, os animaes ferozes dilaceravam as creancinhas nos braços das mães. Aqui suspendem-se pelos pés mulheres completamente nuas, e deixam-se morrer assim n'aquelle supplicio vergonhoso e cruel; alli prendem-se os membros dos martyres em arvores, cujos galhos se puxam até se unirem, e que voltando á posição natural levam consigo pedaços das victimas. Cada provincia tem o seu supplicio particular, na Mesopotamia domina o fogo lento, no Ponto a roda, o chumbo fundido na Cappadocia.

E apesar de tamanhas torturas, os Christãos davam o exemplo de todas as virtudes, confundindo a corrupção pagã pela pureza da sua vida, e tirando forças da fraqueza auxiliados por uma fé ardente, por uma esperanza viva, por uma caridade sem limites.

Ha talvez um anno que o patricio Fabio exalhou no circo o ultimo suspiro confessando a sua fé, e todos os dias vem a sua viuva rezar com os filhos sobre a campa, em que elle repousa.

As palmas, as coroas, as grinaldas, que decoram o encerro funerario, são prova do piedoso respeito da familia por seu glorioso chefe.

A viuva do martyr levanta nos braços o filho mais novo, e diz-lhe que beije o monogramma de «Christo» gravado na lapide commemorativa.

Não será o beijo d'esta creança a mais tocante homenagem, que pode prestar o coração da desgraçada mulher aos manes do esposo, e á gloria do Deus, por quem elle padeceu o martyrio?

HABITAÇÕES DE ESQUIMÓS. — Dá-se o nome de *esquimós* (*comedores de peixes crus*) aos habitantes da America arctica, isto é, aos da Groenlandia; da costa septentrional e oriental do Labrador, das ilhas e margens da bahia de Hudson etc. Desgraçado povo, de coração tão frio como os gelos dos paizes que habitam!

Os esquimós pertencem á raça mongolica. Os homens de estatura abaixo de mediana, tem olhos pretos, pequenos, faces salientes e tez bronzeada. As mulheres tem também olhos pretos, rasgados como os dos chinezes, e são mais formosas do que os homens. Vivem quasi todos uma vida errante. As suas habitações são algumas vezes cabanas cobertas de pelles como entre os Kirghis. Outras vezes são tendas com quatro aberturas construidas de estacas e pelle de phoca. Também edificam habitações com grandes pedaços de gelo. Seja qual for o systema de construcção, as casas dos esquimós constam de uma peça unica, em que se não pode entrar nem andar senão de rastos, como bem mostra a nossa gravura, e em que vivem agglomerados homens, mulheres, creanças, rennas e cães.

São repellentes pela falta de accio. Nutrem-se de caça e de peixe. Governam com destreza as suas canoas, a que dão o nome de *umiak*, feitas de madeira ou de barba de baleia, em que transportam tudo o que lhes é necessario.

Para preservarem os olhos da acção constante da neve, que lhes produziria a cegueira, usam de uns pequenos pedaços de madeira atados á cabeça, com duas fendas do tamanho dos olhos, empregando também este simplicissimo aparelho quando querem ver ao longe. As molestias contagiosas e epidemicas são-lhes completamente desconhecidas; padecem apenas de doenças de peito.

Quando se sentem encommodados, bebem o chá de uma herba chamada *wissikapuka*, ou um caldo de peixe, conhecido pela designação de *shaggamittir*. Se a indisposição continúa, provocam o suor da seguinte maneira: accendem lume em cima d'uma pedra redonda, e deixam-na aquecer até adquirir uma temperatura muito elevada. Levantam sobre ella uma pequena cabana bem fechada por todos os lados, onde entram nus, levando consigo um vaso cheio d'agua. Depois de entrarem, regam a pedra, e o vapor da agua, que então se forma, cnechendo a cabana, provoca uma abundante transpiração. Quando reconhecem que a pedra já tem resfriado, e em quanto os poros do corpo se conservam abertos, sahem da tenda, mettem-se em agua fria, ou rolam sobre a neve.

E' impossivel imaginar a existencia de seres mais insensíveis do que os esquimós. Os meus cães, diz o viajante Hayes, mostram mais ternura, mais sympathia uns pelos outros...

E, na verdade, não pode haver maior embrutecimento, maior falta de coração. Se um rival os encommoda, se um velho decrepito se lhes torna pezado, se uma pobre mulher é accusada de bruxaria, se um preguiçoso vive á custa alheia... lançam-lhe o arpão ás escondidas, e fisgam-no como um peixe. Desfazem-se dos filhos,

quando são muitos, ou quando não são robustos. Se algum esquimó cabe doente, tratam logo do enterro deante d'elle. Algumas vezes até, se o doente é um velho e demora-se em exhalar o ultimo suspiro, intimam-no a pôr termo aos seus dias.

As cruéis condições em que vivem, são causa, em grande parte, d'esta insensibilidade, d'esta dureza do coração, d'esta ignorancia quasi absoluta de tudo o que existe no resto do mundo.

Para se formar ideia de tamanha ignorancia basta citar dois factos. Quando viram os primeiros navios, imaginaram que eram passaros vindos do sol e da lua.

Tendo um viajante querido photographar uma rapariga na Groenlandia, e explicado o que ia fazer, a mãe oppoz-se formalmente, dizendo que, se o rei de Inglaterra visse o retrato, mandaria á força buscar a filha para casar com ella.

## MUSICA

### O ESTUDO DO PIANO

Raros são os chefes de familia, pertencentes á classe média da sociedade, que não desejem adorar a educação de suas filhas com o estudo da musica. Não saber tocar piano constitue, a seus olhos, uma grande inferioridade, que procuram evitar a todo o custo.

Longe de nós a ideia de combater ou censurar tão louvavel aspiração. Afigura-se-nos que a musica é a mais nobre de todas as artes, a mais impalpavel, a que deixa maior liberdade de sentir; não podemos, portanto, se não louvar e applaudir os que dirigem os vãos de uma intelligencia juvenil para as doiradas eminencias do bello e do ideal.

O que é, porém, inquestionavel, é que raras vezes se colhem os fructos dos sacrificios pecuniaros e do tempo dispendido a aprender piano.

Qualquer senhora, cuja educação musical tenha sido convenientemente dirigida e administrada, nunca renunciará ao suave gozo que a arte lhe proporciona. Pelo contrario, a que não tiver recebido uma educação methodica e artisticamente encaminhada, apenas estiver livre—ou melhor—apenas casar, abandonará immediatamente a musica, porque lhe não offerece a mais pequena distracção.

Pensa-se, de ordinario, que toda a gente está no caso de dar as primeiras lições de piano; e é exactamente a esse modo erroneo de pensar que deve ser attribuida a completa inutilidade da maior parte dos estudos musicaes. Dizem alguns paes que, tencionando tomar depois um hom mestre para aperfeiçoar as filhas, pouco importa que ellas principiem sob a direcção d'este ou d'aquelle. Todavia esses mesmos paes não consentiriam—vamos jural-o—em submeter um filho a uma serie de exercicios, que o tornem coxo ou carecunda para, quando elle crescer, mandal-o então endireitar por um excellente cirurgião e com auxilio dos mais perfectos instrumentos de orthopedia.

Se, attendendo ás circumstancias financeiras, fór necessario optar entre as lições de um bom mestre no principio ou no fim da educação musical, é mil vezes mais proveitoso desistir das lições de aperfeiçoamento e collocar logo a creança em bom caminho. Adoptando este alvitre, lu-

cra-se, pelo menos, o tempo que se emprega em desbravar o terreno cheio de cardos e hervas dam-ninhas... sem contar que muitas d'ellas tornam a rebentar depois de mondadas.

Para que seja proficua e util a educação musi-

Mas quantas vezes a intervenção dos paes vae de encontro ás intenções do professor, estorva, pa-ralysa, aniquilla os esforços e diligencia, com que elle procura ensinar ao discipulo os segredos da arte? Basta que oiçam a filha do commendador

xam-se de que os *estudos* levam muito tempo e pe-dem que sejam substituidos por valsas e polkas, que são mais *alegres*. Estas e mil outras fórmas, porque os paes exercem a sua intervenção, tra-zem grande prejuizo a quem estuda, e são causa



UMA MULHER TURCA

cal é necessario não esquecer uma outra condi-ção importantissima. Cumpre que os paes—quan-do não são bons musicos—não intervenham por forma algũa na direcção do estudo e na escolha das peças. Se o professor é capaz, deixal-o fazer o que entender; se não é capaz, tome-se outro.

Silveira tocar um bocado mais *bonito*—ou de mais *bravura*, isto é, de mais *bulha*—ou mais *difícil* do que a ultima peça trazida pelo mestre, para que logo exijam que se deixe aquella *mas-sada*, e que se principie a estudar o tal pedaço. que os encheu de entusiasmo. Outras vezes quei-

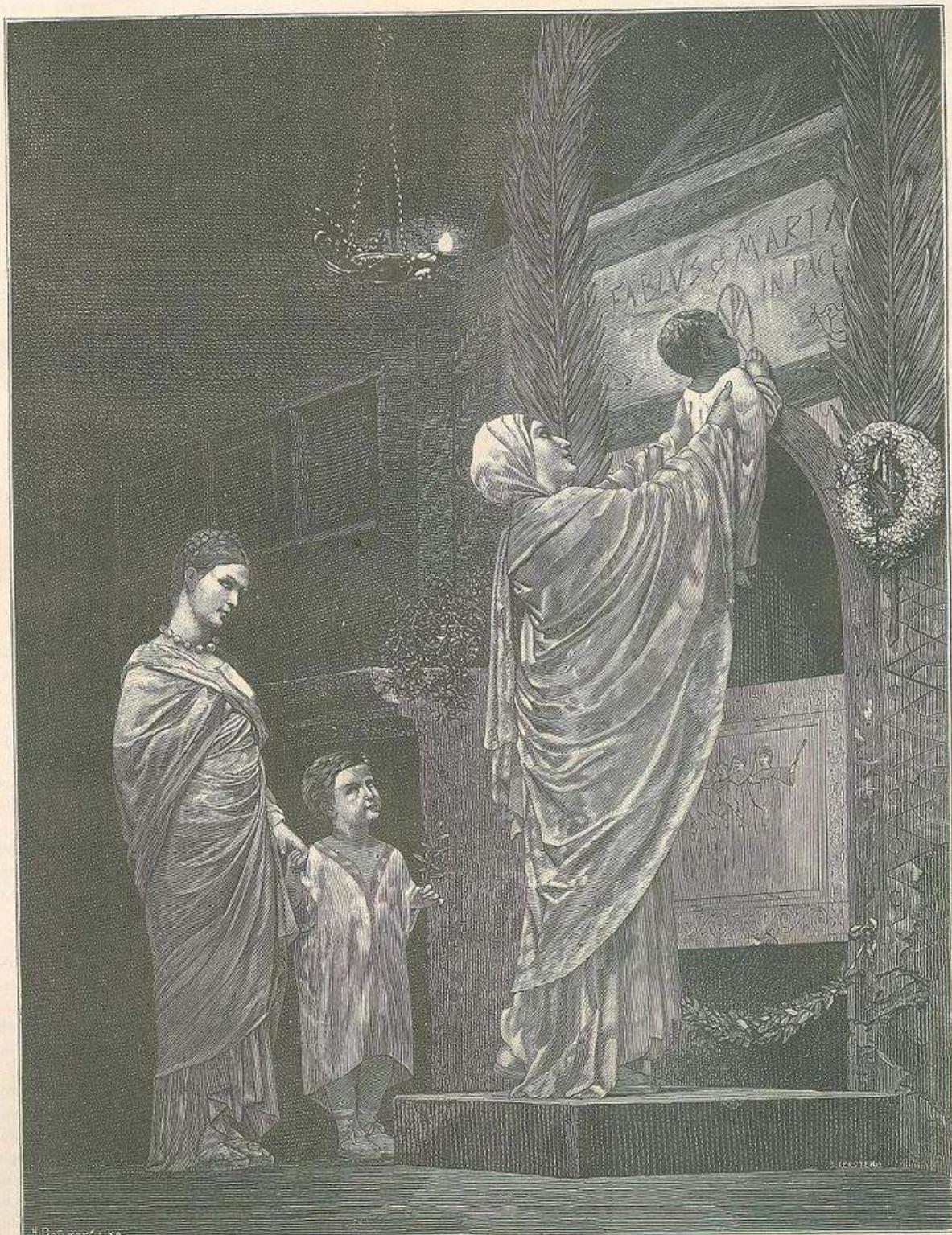
de que o professor perca a sollicitude e o inte-resse com que ensinava, declinando de si toda a responsabilidade.

E como se conhecerá que o professor dirige bem a educação do discipulo? É justo que se nos faça esta pergunta, a que só podemos responder

de um modo muito vago. Geralmente o professor, digno d'este nome, faz com que o discipulo toque bons *estudos* proporcionados ao seu desenvolvimento, os de Cramer sobretudo; e depois insiste

nos; e depois sem risco, sem perigo podem familiarisar-se com qualquer genero de musica. Mas, antes de tudo, importa que os discipulos executem a antiga musica classica e que se habituem

outros, tanto mais nos convencemos de que o estylo mais puro, mais correcto, mais perfeito é o d'aquelle que segue rigorosamente as prescrições dos genios, cujas obras faz ouvir, d'aquelle que



A VIUVA DO MARTYR

principalmente na musica classica. Fora d'esta musica não ha salvação, ou, porque assim digamos, não ha musica. Quando a alma e a intelligencia do discipulo estiverem bem impregnadas das obras de Haydn, Mozart e Beethoven, façam-se travar conhecimento com os classicos moder-

a *contentar-se* com o *colorido* e com a *intenção* indicada pelo compositor sem lhes adicionarem cousa alguma, sem pretenderem supprir aa insuficiencia das indicações pela liberdade daa interpretação. Quanto mais ouvimos tocar piano, e e quanto mais comparamos os executantes uns com os

— sob pretexto de *sentimento* — não intercala um *ritardando* onde o auctor o não indica, não transforma em breves as notas longas, não apressa o andamento para *dramatisar* a sua execução, e que se limita a traduzir com o maior escrupulo e fidelidade o pensamento do auctor.

Qual é o resultado, o espantoso milagre produzido por essa humildade, por essa deferencia, por essa modestia que não prefere a propria inspiração á de um Mendelssohn ou de um Chopin, por essa consciencia que não ousa perpetrar o crime de *falsificar as notas* e os pensamentos d'aquelles venerandos artistas? Quereis saber o milagre, vós que aprendeis, e vós que mandaes ensinar piano ás vossas filhas? Quando se estudam e manuseiam as obras classicas antigas com respeito, modestia, escriptura e consciencia, adquire-se no fim de algum tempo uma qualidade rara, uma cousa altamente invejavel que se denomina o *estyl*, e que é nada menos do que o fino tacto, o sentimento perfeito do grão de importancia que deve ser attribuido a cada nota; a intuição do *colorido*, isto é, da distribuição da luz e da sombra — dos *pianissimo* e dos *forte* com as suas transições — e finalmente a revelação do sentimento contido dentro dos seus verdadeiros limites, artisticamente dirigido, sempre adequado, despido de toda a affectação, mas grande, sublime, omnipotente na sua candura e sinceridade.

Tivemos um professor de musica que tinha uma grande mania. E essa mania, que nos causava riso, e a todos os nossos amigos, tão ignorantes como nós, consistia em dizer, abanando a cabeça, quando se fallava de algum pianista celebre: — «Elle ou ella não tem compasso! E o pobre do velho pronunciava estas palavras com um desdem impossivel de ser imitado. Em compensação d'isto, dizia ás vezes em tom respeitoso e ao mesmo tempo cheio de ternura: «Elle ou ella tem compasso!» Hoje reconhecemos que era a sabedoria que fallava pela bocca do nosso professor.

O compasso é, effectivamente, a primeira condição para que a musica *exista*... E quantos pianistas, até dos celebres, desconhecem a lei rigorosa do compasso ou não sabem observal-a? Quantos principiam tocando a compasso, e dentro em pouco retardam o andamento sem tom nem som, e o apressam depois exageradamente? Os discipulos fazem outro tanto; mas geralmente tem um motivo para procederem assim: é-lhes mais commodo retardar o andamento na execução d'um *passo* difficil do que repetir esse passo devagar o numero de vezes necessarias para vencer a difficuldade e executar cada uma das notas com a rapidez indicada pelo auctor, a qual, não sendo rigorosamente observada, altera e prejudica o pensamento.

Se d'estas considerações geraes descermos a outras mais particulares, diremos para concluir este artigo, que duas ou tres horas de estudo (além do tempo da lição) bastam para conseguir um bom resultado. Quatro horas de estudo consciencioso produzem effectos maravilhosos.

## COMO E PORQUE MORRI

(Conclusão)

### III

Eram dez horas de uma noite tão calmosa que me fazia tembrar Lisboa em agosto. Paris divertia-se á grande. Os comboios chegavam atulhados de gente que tinha passado no campo aquelle dia festivo. Os transeuntes formigavam pelas ruas, avenidas e praças. Os circos equestres estavam cheios. Pulava-se no *Mabile*, no *Chateau des fleurs* e em toda a parte.

Aquillo era uma bacchanal de alegria.

Mas o Sena quasi que estava solitario. E eu, que desejava o silencio e o repouso do espirito, embarquei-me n'um *bateau-omnibus*, para dar um passeio pelo rio.

Na camara estavam algumas pessoas, e eu fiquei na coberta. Sentei-me sósinho a um canto escuro, entre a camara e a amurada.

D'alli a poucos instantes entraram no *bateau* uma senhora e um sujeito, que vieram assentar-se ao pé de mim, mas sem me verem, porque o mastro me occultava. Ambos eram moços, perfeitos e elegantes. Elle pertencia sem duvida á *juventude dourada*; ella, parisiense em todos os seus pormenores, em todas as suas filigranas.

A dama compoz o vestido, desdobrou o leque, abanou-se, attentou distrahidamente no céo, forrado de nuvens, e disse depois:

— Antonio!

— Que é minha querida? perguntou-lhe o companheiro.

— Achei esta manhã na cabeça tres cabellos brancos.

— Tres raios de lua n'uma cascata d'ouro!

— E tenho um dente abalado.

— Comprate um postigo, para que fique humilhado entre os naturaes.

— Antonio, estou farta de diamantes, de rendas, de cachemiras, da Patti, da Scheneider, de trens, de cavallos, de tudo.

— Sinto muito, querido anjo. Se eu pudesse dar-te as estrellas!...

— Antonio, és o homem mais amavel do mundo todo! Depois de te conhecer, é impossivel amar outro!

— Obrigadissimo!

— Mas... já me vou fartando de ti.

— Ah! sim? Pois ainda bem, porque já estou completamente arruinado.

— Eu, nada espero já na vida.

— Eu cá só espero a morte de minha tia, de quem serci herdeiro; mas pelos modos, ainda vem longe.

— Antonio, adeus! Toma o beijo da despedida, e se me amas, segue-me.

E a dama, n'um movimento rapido, pôz-se de pé sobre o banco, e saltando a borda, atirou-se ao rio.

O rapaz soltou uma exclamação, olhou para a agua e seguiu o exemplo da sua companheira.

Oh! fatalidade! Por toda a parte me persegue o suicidio.

### IV

Eu não pertenco a essa familia de intelligencias que são grandes e pequenas ao mesmo tempo, que tomam a vida tal qual é, e que achando formosa a *gaiola*, não reparam nos pezares nem nas imperfeições dos *passaros*. Não me basta a belleza cosmica e martyrisam-me as luctas humanas.

Não posso crer que o mundo e a humanidade sejam obra dos *accos* da materia; o mesmo seria suppôr que alguns milhares de letras de imprensa atiradas ao ar podiam *compôr a Divina Comedia*. Também não acredito na sublimidade da alma, que a nosso gosto e tão facilmente podemos separar do nosso corpo.

Não creio em coisa alguma, a não ser no tédio que me roe lentamente, e antes que elle acabe de me devorar quero, para não imitar Ovidio, morrer na minha terra natal...

Parto de Lisboa em carruagem de segunda classe, que tem a meio do tecto uma coisa de vidro, parecida com uma redoma de botica antiga, dentro da qual apparece uma luz que, apesar de opaca, allumia o antro. Vejo que os meus unicos companheiros de viagem são uma senhora e uma ama, tendo cada uma d'ellas um menino de peito nos braços.

Parte o comboio, recosto-me no meu canto, e fecho os olhos, não para dormir, mas para meditar.

Abro-os passada a estação de Villa Franca; vejo que a senhora e a ama de leite estão adormecidas, e que os meninos, recostados no respectivo seio, encaram um com o outro.

A luz da carruagem era morticia; de repente ouvi duas vozes quasi imperceptiveis:

— Irmão, que idade tens?

— Estamos em abril?

— Estamos.

— Nascemos em fevereiro?

— Justamente.

— Pois então contamos de existencia dois mezes, mais dia menos dia.

— Ah!

— Não obstante, eu sou mais velho do que tu.

— Não somos gemeos?

— Sim, mas eu nasci um minuto primeiro do que tu.

— Ah! E dize, mano, que te parece a vida?

— Muito estensa!

— E o mundo?

— Monotono.

— E o nosso destino?

— Monotono! Sempre mamando.

— Ah! Ah!

— Se ao menos fossemos empregados publicos.

— Ou coroneis reformados!

— E que taes achas os homens?

— Monotonos: dizem sempre a mesma coisa.

— Como?

— Lembras-te do dia, em que o papá pagou á parteira que assistiu ao nosso nascimento?

— Sim.

— Pois bem, ao dar-lhe não sei que moedas, disse-lhe: tome, sr.<sup>a</sup> D. Perpetua; sinto não poder remunerar-a como devia, mas as coisas vão mal; *não ha vintem!*

— Bem me lembro.

— E lembras-te d'aquella noite em que estive nos no Martinho?

— Perfeitamente.

— Não ouvistes a palestra d'uns rapazes que estavam na meza ao pé da nossa.

— Não fiz grande reparo.

— Dizia um para o outro: Estava com vontade de ir a S. Carlos, mas não tenho dinheiro.

— E quem o tem? perguntou o outro. — Muita gente, replicou o primeiro; por exemplo os assignantes de S. Carlos. — Olhem que assignaturas! — tornou a dizer o outro. Sustentadas á custa de mil sacrificios! Homem, desengana-te, *não ha vintem!*

— Ah!

— E finalmente, não te lembras da questão entre o papá e a mamã, por causa da nossa viagem?

— Ah! sim, a mamã queria ir na primeira classe.

— Mas o papá convenceu-a com a eterna frase de *não ha vintem*.

— Sabes que mais? Tens tu muita razão, tudo isto é monotono!

— Monotonissimo!

— Houve uma pausa; depois ouvi outra vez as vozinhas infantis.

— Mano?

— Que é?

— Devora-me o spleen.

— Também a mim.

— Ha tempo que affago uma idéa.

— Qual é?

— A do suicidio.

— Pois então, suicidemo-nos!

— Ha um só inconveniente...

— Não entendo...

— Não sabemos escrever.

— Mas que tem isso?

— Seria preciso deixar uma carta, em que dissessemos que nos refugiavamos na morte, por estarmos fartos da vida...

Um terrivel solavanco fez emmudecer os dois interlocutores; tinhamos descarrilado...

## V

## Na ponte de Maria Pia

*Ultimas linhas escriptas a lapis.* Vã feito. Deixo de padecer. Vae romper o dia. Antes de apparecer o sol, tudo terá acabado para mim. Os primeiros tons da aurora juntam-se ao reflexo derradeiro da lua.

O astro da noite receia eclipsar-se, como se não soubesse que é immorttal; em compensação, os velhos do lago inglez, os amantes de Paris, os meninos do comboio... eu mesmo, não temos semelhante receio... Em breve saberei o que é a materia e o que é alma, em breve saberei tudo... eu continuarei a não saber nada...

Já se avista o longiquo horizonte. A' minha esquerda a torre dos Clerigos, o mercado do Anjo, o jardim da Cordoaria... um formigueiro humano que já principia a mexer-se... á direita a serra do Pilar... por baixo de mim o rio, cheio de barcos ancorados... O homem povoa a terra, invade as aguas, e, talvez, em breve atravesse o espaço immenso. Muito insaciavel é o homem, e muito mesquinho tambem! Basta-lhe o planeta... e eu aspiro á eternidade!

Houve uma convulsão nas agoas do rio, depois um remoinho, depois... nada...

Um mendigo de oitenta annos, que padecia de rheumatismo chronico, achou na ponte este escripto; leu-o, que por acaso sabia ler, e... sentou-se tranquillamente a pedir esmola.

Oh! a vida é tal qual a mulher; quando nos ama e nos affaga, fugimos d'ella; quando nos foge e nos atormenta, não queremos abandonal-a!

(Imit.)

LUIZ QUIRINO CHAVES.

## ATRAVEZ DA SIBERIA

AVENTURAS EXTRAORDINARIAS DE TRES FUGITIVOS

POR

Victor Tissot e Constant Améro

## II

Havia pouco tempo que a cidade de Nertchinsk experimentara viva sensação com o assassinio de

um engenheiro, chamado o major Dobson, concessionario de um terreno aurifero situado a dez-oito ou vinte kilometros da cidade. Este inglez vivia no proprio solo, que explorava. Mercê dos modernos processos da industria mineira, chegara a extrahir grandes quantidades de ouro n'uma região desprezada e abandonada por seus predecesores.

O major attrahio sobre si a colera dos assassinos, talvez mais pela reputação de originalidade, que tinha creado nas circumvisinbanças, do que pelas suas riquezas, apesar de serem immensas. Um pequeno traço para se poder ajuizar d'este excêntrico: Ia todas as manhãs ás officinas, em que funcionavam as machinas de vapor, com umas botas enormes por cima de tres pares de meias; examinava as machinas minuciosamente; ao mais pequeno vestigio de ferrugem, descalçava as meias e principiava a esfregar até que o metal readquirisse todo o brilho; atirava depois as meias á cara dos machinistas, que eram obrigadas a levantar-as e levar-lh'as, sob pena de serem despedidos.

Ao revés dos habitos de quasi todos os concessionarios, que não dispensam nem se privam de nada do que ha de melhor no mundo, vivia miseravelmente, tendo uma só creada — uma velha — e dizia-se que, em vez de mandar para Barnaul a totalidade do ouro extrahido do terreno — as minas pertencem ao governo e todo o ouro da Siberia é fundido em Barnaul sobre o Obi<sup>1</sup>, — o inglez não tinha medo de sonegar grandes quantidades, que escondia cuidadosamente.

Um dia de manhã foram enconral-o morto, e bem assim a creada; tinham ambos o craneo aberto a golpes de machado. Os ladrões não conseguiram acertar com o supposto esconderijo do major. Roubaram apenas uma somma insignificante de dinheiro, porque o major Dobson passava para Inglaterra o melhor de seus proventos.

D'ahi a tres semanas, um outro assassinio seguido de roubo, deu maior interesse aos seus auctores, e causou grande impressão em todo o districto de Nertchinsk. Um russo da Crimeia, por nome Khabaroff, possuia, a titulo de concessionario, um terreno, de que não conseguia extrahir a mais pequena porção de ouro. Varias explorações de logares proximos davam soberbas colheitas. O nosso homem imaginou então um meio de lançar mão de um ouro, cuja cor o governo estava bem livre de ver, sem receio de pravar os concessionarios, seus felizes rivaes, das commissoes, e lucros, a que dão logar os resultados da exploração.

Na qualidade de proprietario tinha elle o direito de estabelecer nas suas terras uma venda de bebidas espirituosas para commodidade dos operarios; mas como não dava trabalho a nenhum, vendia as bebidas aos trabalhadores das visinhanças pelo razoavel preço de meia libra de ouro por garrafa: de sorte que dois barris de agua ardente do valor real de 250 francos, quando muito, rendiam-lhe por esta forma a bagatella de 750 francos. Escusado é dizer que a agua ardente! bebida pelos operarios das minas de ouro só podia ser tão generosamente paga com o minereo precioso, que elles roubavam.

Khabaroff foi espoliado de uma parte de suas riquezas mal adquiridas, sendo deixado por mor-

to na praça. Em quanto lhe prestavam alguns soccorros, descobriu-se a maneira por que elle enriquecia á custa do Estado.

Em consequencia d'estes attentados, as auctoridades locais procederam a muciosas investigações. Chegou-se então ao conhecimento de que uma quadrilha de ladrões de ouro, já celebre por atrozes façanhas, tinha perpetrado os dois homicidios: o filho do «ispravnik» de Nertchinsk pertencia, havia já algum tempo, a essa quadrilha.

Ora, toda a gente estimava o ispravnik. Era um russo muito probo, muito honesto, que tinha por nome Yermac, um descendente talvez do cossaco, que fez a conquista da Siberia seguido d'aquelles heroicos companheiros, tão bem pintados por Gogol no *Tarass Bulba*. Yermac estava em Nertchinsk, desgraçado, exilado de facto. Dizia-se que elle occupara em Moscow um logar importante na magistratura, adquirindo reputação de austeridade e incorruptibilidade, e denunciando sem piedade as prevaricações dos collegas. Estes ligando-se entre si, conseguiram perdello.

Um tal homem não podia conservar-se indifferente ás suspeitas justificadissimas, que recabiam sobre seu filho. Demittio-se das suas funcções, e como lhe não era permitido voltar á Russia, nem queria tentar outra vez conquistar uma posição honrosa, independente, sollicitou e obteve o logar de superintendente das chusmas de uma mina, a de Ukbul. Yermac era o guarda, em quem Yegor Semenovoff deu a bofetada.

E' fora de duvida que se elle conhecesse a rectidão do homem do chicote, não teria por certo de arrepender-se do seu arrebatamento, por isso que apreciava nos outros as qualidades, que tambem possuia em subido grao.

Yegor Semenovoff era, como fica entendido, um deportado politico. Sendo preso em Kieff, onde frequentava a Universidade, nem sequer sabia qual era o seu crime. A policia tendo dado busca á sua casa, apprehendeu-lhe as cartas, os livros, os papeis, conduzindo-o depois a uma prisão.

Passados quinze dias, rodava pelos caminhos, que levam á Siberia; partia para o «paiz d'onde se não volta.» Na sua qualidade de nobre, a lei permittia-lhe que não fizesse a viagem a pé, fraco allivio a um castigo infligido por forma tão arbitraria.

Depois de muito meditar, lembrando-se de algumas perguntas, que lhe tinham sido feitas, Yegor persuadio-se de que o excessivo rigor, com que fora tratado pela policia, era devido á amizade, que o prendia ao velho poeta Abel Davidoff, deportado para a Siberia trez annos antes.

Davidoff foi acompanhado para o exilio por Nadege, sua unica filha, cujo retrato o forçado n.º 1367 trazia na medalha sobre o peito.

Para elle, pobre moço! já a formosa Nadege não era d'este mundo, e o pequeno romance de ternura esboçado entre um estudante de vinte annos e uma rapariga, que apenas contava dez-eseis, tinha tido um epilogo bem triste. Todas as apparencias o levavam a crer os seus destinos eram irmãos n'um ponto: elle e ella deviam acabar os seus dias longe de Kieff...

Yegor que desde o momento, em que chegou a Ukbul, estudava o paiz com o intuito de evadir-se, renunciou de todo em todo a esta empreza,

<sup>1</sup> Aos concessionarios dá-se uma commissão de 1.15 %.

apenas soube que Davidoff e a filha estavam internados em Irkutsk.

Procurou affazer-se á vida penosa de mineiro, empregando esforços sobrehumanos para o conseguir. Quem sabe, pensava elle, se ao cabo de alguns annos, ser-lhe-hia tambem concedido algum allivio á sua sorte! Era innocente, apenas reo de sympathia por algumas victimas da inexoravel justica do czar.

Offendido em Omsk pelo tom aspero e grosseiro de um dos funcionarios encarregados de fixar o logar de sua residencia, respondeu-lhe com altivez, quasi com arrogancia. O funcionario ferido no amor proprio e no orgulho, experimentou uma cruel satisfacção após larga conferencia com os collegas, quando lhe annunciou — dando-lhe o tratamento de «senhor» — que se tinha delibe-

portava apressar algumas horas o momento final. Não estava elle por ventura livre de toda a responsabilidade? Matavam-n'o: caminhava para a morte, e nada mais! Decidio por consequencia pôr termo á lenta agonia, a que o condemnavam.

O meio era facillimo — tinha-o nas mãos. Ouvia fallar muito de desgraçados, que cheios de desespero, deixavam-se esmagar por enormes pedacos de rochedos. Pois bem. Elle faria o mesmo.

Havia trez dias que trabalhava na extracção de uma enorme pedra: redobrou de actividade e de ardor na sua perigosa tarefa, decidido a collocar-se debaixo da grande massa, quando ella viesse a cahir.

Faltavam-lhe ainda dois dias de esforços e de constancia para levar ao cabo o seu intento. A cada golpe que descarregava sobre a rocha en-

navio. Os doentes estavam uns por cima dos outros, em diversas prateleiras, sem leitos, sem enxergas, sobre as taboas. No meio de uma completa obscuridade, os menos doentes assistiam aos que agonisavam. O ar estava carregado de emanacões putridas. Ao estertor dos moribundos juntavam-se os lamentos e as queixas dos que lutavam com o soffrimento. Era um horror. Aquelle logar de consolação parecia mais um theatro de tortura.

Quando Yegor habituou os olhos á falta de luz, e vio na prateleira defronte dois cadaveres nus, em plena decomposiçáo... foi tomado de pavor, e arrastando-se para fóra, pôde subitamente recobrar forças para ir continuar no fundo da terra a obra do suicidio: coisa fatal! ninguem adiantara a sua tarefa.



HABITAÇÕES DE ESQUIMÓS

rado mandal-o trabalhar nas minas de cobre de Nertchinsk... Não seria possivel suavisar tão rigorosa decisão? Era preciso tirar coragem da propria desgraça!

A sua chusma trabalhava n'um poço interior já começado no filão. E, á noite, quando Yegor, extenuado por aquelle imbro trabalho, chegava á abertura do poço depois de uma ascensão, que durava quasi duas horas, cahia prostrado, sem forças, e tinha violentas palpitações.

Lutava como um heroe. Mas a falta de esperança e o desalento vieram em breve apoderar-se d'elle. A febre enfraquecia-o, debilitava-o, e povoara-lhe o espirito de todo o cortejo das ideias negras. Deixou de comer, ardia-lhe a testa, o cerebro exaltava-se-lhe, e tinha constante zoadá nos ouvidos.

O pobre moço, vendo-se em tão miseravel estado, foi visitado pelas primeiras ideias de suicidio. Repellio-a a principio, como quem repelle a o pensamento de um grande crime. ellas, porém, voltavam teimosas e persistentes...

Pareceu-lhe que, tendo de morrer, pouco im-

cortava um anno a vida, que tanto lhe pezava, cada vez mais firme na feroz resolução.

Pelo menos, elle assim o julgava; mas aquelle trabalho persistente realizado com um tal proposito, esgotou-lhe as forças. Um dia de manhã disse aos seus companheiros de yurtte:

— Não posso levantar-me!

Um d'elles era um condemnado politico russo, transferido de Minusink para Ukbul, como aggravacão de pena; outro, um salteador, assassino e ladrão; tinham ambos chegado, havia pouco, assim como Yegor, e o governo destinou-lhes uma yurtte, esperando que tivessem tempo de construir uma cabana. Uns e outros tinham para viver alguns Ropecks, salario do concessionario da mina; além d'isso recebiam do governo trinta kilogrammas de farinha de centeio e cinco francos por mez.

Vendo Yegor tão doente, os dois forçados levaram-n'o para o hospital. Era antes um jazigo, ou um carneiro. Quando voltou a si, passadas quarenta e oito horas, encontrou-se em uma barraca de madeira disposta como a camara de um

O dia seguinte devia ser o ultimo da sua vida. Tinha acabado de se levantar, e dirigia-se da yurtte para a mina, quando foi mandado chamar por M. Nadeieff, concessionario das minas, que chegara na vespera a Ukbul.

O concessionario achava-se por acaso em Omsk, quando por alli passou o deportado, recebendo d'elle agradaveis impressões no momento em que se decidio para onde iria residir. Sabia pelo passaporte que Yegor fallava umas poucas de linguas: francez, inglez, allemão, e que tinha noções de sciencias physicas e mathematicas; e elle, homem frio e positivo, julgava que podia tirar maior partido de suas aptidões empregando-o em trabalhos de outra ordem, do que mandando-o com um martello ou com uma enxada para o fundo de uma mina.

(Continua)